

## A PROBLEMÁTICA DO HOMEM E A ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA

Ísis Zisels<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo examina a ideia de “homem” em Nietzsche contemplando o processo de autoconstrução do indivíduo ao lado do projeto de naturalização da moral, conforme as obras: *A Gaia Ciência*, *Assim Falou Zaratustra*, *Ecce Homo* e *O Viajante e sua Sombra*. Para tanto, dialoga com os artigos *O Cultivo da Arte do Estilo*, de Olímpio Pimenta e *The Eternal Return in Thus Spoke Zarathustra*, de Brusotti, compreendendo o eterno retorno enquanto a afirmação da existência e a possibilidade de interpretação da vida como o substrato para a criação de novos valores. A problemática abordada por Nietzsche reflete que o homem e a natureza se encontram amalgamados pelo mesmo querer dionisíaco. Porém, o ser humano abarca uma dimensão fragmentada, indeterminada, de modo que cabe a ele mesmo construir-se e aperfeiçoar-se, como se fosse ao mesmo tempo artista e obra de arte.

**Palavras-chave:** Arte do estilo, Homem, Natureza, Nietzsche.

**ABSTRACT:** This present paper studies the idea of “human being” in Nietzsche’s philosophy and analyzes the relation between the process of self-building and the project of naturalizing moral, discussed in these writings: *Ecce Homo*, *The Gay Science*, *The Wanderer and his Shadow* and *Thus Spoke Zarathustra*. This research also proposes the affirmation of existence through the possibility of the eternal return, understanding life as a substrate for the creation of new values, according to these papers: *The Dedication to the Art of the Style*, by Olímpio Pimenta, and *The Eternal Return in Thus Spoke Zarathustra*, by Brusotti. The problem addressed by Nietzsche reflects that human and nature are amalgamated by the same Will – symbolized by Dionysus. However, human is fragmented, unfinished and needs to improve yourself acting at the same time as an artist and a work of art.

**Keywords:** Human being, Nature, Nietzsche, The art of the style.

### *A physis*

---

1 Mestranda e bolsista da CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Estética e Filosofia da Arte da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Nietzsche, ao referir-se à natureza, retoma a noção grega de *physis* presente na filosofia dos pré-socráticos, em peculiar, nos fragmentos de Heráclito acerca do devir. Aos olhos de grandes historiadores, como Karl Jaspers, a história da filosofia em seu conjunto não vai muito além de comentários à margem dos fragmentos dos pré-socráticos. Deste modo, o pensamento de Nietzsche constrói-se a partir de sua profunda admiração pelos filósofos naturalistas, que inauguraram com seus arquétipos o período mais poético do pensamento ocidental, onde mito e teoria integravam-se numa linguagem consonante. Imbuídos em admiração, curiosidade e criatividade, estes exímios pensadores propuseram, conjuntamente, diferentes perspectivas acerca do mesmo tema: a *physis*.

A noção grega de *physis* não pretendia dominar a natureza empregando-lhe uma técnica, portanto, ao contemplar a existência, os filósofos pré-socráticos perceberam a realidade de modo integrado, cosmológico, desvelando nela mesma uma força motriz, repleta de vida. Também o homem pertencia a esta unidade, de modo que sua lógica encontrava-se submetida à lógica transformadora do universo. Este princípio natural, *arché* (*ἀρχή*; origem), repleto de vida, foi metaforicamente traduzido de diversas formas pelos pensadores naturalistas. Heráclito, cuja perspectiva influenciou amplamente o pensamento filosófico de Nietzsche, definiu a *physis* como uma unidade de contrários.

Heráclito, em sua postura imanente, ao negar o ser, tal como concebia Parmênides, nega também a dualidade de dois mundos distintos, alegando que na *physis* somente o devir – o movimento do vir a ser, simbolizado pelo poder transformador do fogo – constitui a realidade. Ou seja, o ser corresponde à sua ação.

Ao assumir como verdade a constante impermanência das coisas, Heráclito, dotado de alegre ousadia, consegue reinterpretar o aspecto assombroso da existência como algo digno de admiração. A atitude afirmativa heraclitiana é retomada com apreciação por Nietzsche ao longo de sua filosofia, onde, frequentemente, reconhece-se na vida a fundamentação de todos os valores.

O devir origina-se sempre do conflito entre dois polos contrários que, no

entanto, tendem novamente um para o outro. A percepção do universo enquanto unidade de multiplicidades ou luta e confronto de forças, conduz à imagem de um jogo criativo e dinâmico que não possui nenhum propósito para além dele mesmo. Semelhante à ação do artista e da criança ao divertir-se, este jogo traduz, poeticamente, a guerra entre polaridades que compõe a sinfonia da natureza. Segundo Heráclito, esta relação pautada na transmutação das partes consiste na destruição do velho que abre as portas para a construção do novo.

Nietzsche incorpora a cosmologia heraclitiana em seu pensamento, analisando-a sob a ótica da vontade de potência. Afirma, assim, que também o homem está submetido ao devir da *physis*, logo, a vontade que o governa não contradiz a vontade por expansão que governa a natureza, impulsionando o aniquilamento e a instauração de novos mundos.

O ser humano não é essencialmente livre; ao contrário, age em conformidade à sua necessidade, de modo que o uso da linguagem nada mais é do que a busca pela satisfação de seus impulsos naturais. A força dionisíaca presente na natureza revela, por esta razão, a vontade de dominação mediante a qual se é possível interpretar a dinâmica valorativa da existência. Tal impulso encontra-se no modo como o ser humano percebe o mundo, impondo-lhe, constantemente, novos sentidos. Logo, a própria vida indica que a luta incessante de potências é a história a constituir, não apenas o homem, mas, também, a natureza:

A história de uma coisa é geralmente a sucessão das forças que dela se apoderam e a co-existência das forças que lutam para delas se apoderar. Um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que se apropria dela. A história é a variação dos sentidos (...) O sentido é então uma noção complexa: há sempre uma pluralidade de sentidos – uma constelação, um complexo de sucessões, mas também de coexistências – que faz da interpretação uma arte (...).<sup>2</sup>

## O amálgama homem-natureza

---

2 DELEUZE. *Nietzsche e a Filosofia*, O sentido, p. 5.

Nietzsche expõe que o homem e a natureza encontram-se amalgamados pelo mesmo querer dionisíaco. O ser humano, no entanto, abarca uma dimensão fragmentada e indeterminada, de modo que cabe a ele mesmo construir-se e aperfeiçoar-se, como se fosse, simultaneamente, artista e obra de arte. Diante deste quadro de possibilidades, o que é o homem, afinal?

Em nenhum momento Nietzsche delimita o significado de “homem”. O que o autor explicita é que este não é nem animal e nem aquilo que está para além dele mesmo. Ou seja, o ser humano, enquanto projeto em aberto, necessita tomar consciência de suas potencialidades para se aperfeiçoar. Portanto, o foco da problemática não é exatamente “o que é o homem?”, mas “o que pode ser o homem?”.

O filósofo alemão constata que o homem de seu tempo é um experimento fracassado, pois está limitado por uma série de normas e preceitos morais que contradizem sua constituição fisiológica. Percebe, ainda, que o moralismo cristão, herança do platonismo, propõe sempre uma fuga à vida, cultivando nos indivíduos a fraqueza, e não a força. A recusa do enfrentamento das adversidades do mundo impede o fortalecimento do indivíduo, razão pela qual Olímpio Pimenta<sup>3</sup> enfatiza a crítica nietzschiana à inversão de valores do cristianismo, lembrando os perigos, as contradições, os imprevistos e os sofrimentos da vida. A fraqueza, deste modo, é detectada naqueles que buscam conforto em uma crença externa ao mundo, que atua no sentido de abstrair os medos da existência. Identifica-se, neste caso, a tentativa de transpor conflitos para que não seja necessário vivenciá-los, o que acaba por atrofiar as potencialidades individuais.

Nietzsche alerta à importância de afastar-se da crença em uma verdade ontológica, uma vez que a negação do viver compreende a vontade fraca do nada querer, suprimindo a possibilidade trágica do fortalecimento. Os ideais ascéticos, diz o filósofo, impuseram inúmeras amarras ao homem para que este celebrasse a fraqueza e desaprendesse a se comportar como animal. Os indivíduos, assim, tornaram-se prisioneiros de valores hipócritas, negligenciando seus impulsos criativos e depreciando a vida, que, nessas circunstâncias, é esvaziada do seu caráter trágico.

3 PIMENTA. O cultivo da arte do estilo, *AISTHE*, nº 3, 2008.

Nietzsche deseja promover com seu pensamento a libertação das correntes moralistas, já que somente a liberdade de espírito, existente na criação, pode conferir ao homem o distanciamento do animal sem, contudo, negligenciar-lhe seu aspecto natural:

Essas correntes – repito – ainda e sempre, são, contudo, esses erros pesados e significativos das representações morais, religiosas e metafísicas. Somente quando a doença das correntes for superada é que o primeiro grande objetivo será alcançado: a separação entre o homem e o animal. <sup>4</sup>

O autor retoma Horácio para argumentar que a tentativa de expulsar a natureza do homem é ineficiente, uma vez que ela, inexoravelmente, sempre retornará. Assim, ao refletir sobre a superação do animal, de forma alguma negligencia o caráter natural do ser humano, mas procura aperfeiçoá-lo por meio da luta de potências. Do mesmo modo, ao propor a superação do homem através da ruptura com os elementos decadentes da civilização, Nietzsche busca o surgimento de um indivíduo mais forte e capacitado para a vida; “além do bem e do mal”:

O homem é o não-animal e o super-animal; o homem superior é o não-humano e o super-humano: isto se mantém. Desde que o homem cresce em grandeza e em altura, também cresce para o baixo e o horrível; não se deve querer um sem o outro – ou melhor, quanto mais se quer essencialmente um, mais se atinge o outro. <sup>5</sup>

O único método eficiente para a superação do animal requer, aos olhos do filósofo alemão, o aprofundamento do homem na natureza, visto que este movimento é capaz de suscitar uma nova moral, fisiológica, constituída por valores que se orientam conforme a vida. Para tanto, é preciso repensar a questão do corpo de um patamar biológico, tal como uma máquina pouco conhecida, independente do fenômeno religioso e moral.

Com efeito, Nietzsche vislumbra no estado fisiológico da alegria a única meta existencial possível. Através deste sentimento, capaz de simbolizar o impulso

4 NIETZSCHE. *O viajante e sua sombra*, p. 143.

5 NIETZSCHE. *Fragmentos póstumos*, outono de 1887, XVIII, 9 [164].

dionisíaco, a vida é exaltada e, por conseguinte, o próprio indivíduo despojado do arcabouço artificial das representações ontológicas e satisfeito com o mundo, apesar de todas as suas contradições:

Somente ao homem enobrecido é que a liberdade de espírito pode ser conferida; só ele é tocado pelo alívio da vida que põe bálsamo nas feridas; é o primeiro a poder dizer que vive por causa da alegria e de nenhum outro objetivo.<sup>6</sup>

Em outras palavras, a vida se justifica por ela mesma, de modo que nisso consiste a satisfação do homem. Ao afirmar a vida através da alegria, o indivíduo é capaz de encontrar plenitude em suas ações presentes, não necessitando de outro mundo para realizar-se – razão pela qual, este sentimento dionisíaco apresenta-se como uma ameaça à Igreja, cujo poder constrói-se e sustenta-se a partir da utilidade de uma crença metafísica. Este júbilo de Dionísio é um sinal de saúde e sabedoria trágica. Representa a aceitação da natureza, a superação da civilização e a satisfação do indivíduo em relação à vida.

Para Nietzsche a civilização é um mecanismo de repressão que contradiz a natureza, pois procura dominar o homem, impondo-lhe ideais ascéticos decadentes. Deste modo, ao invés de contribuir para o fortalecimento do indivíduo, atua no sentido de promover-lhe a fadiga dos impulsos vitais. É, contudo, inoperante qualquer tentativa de eliminar este processo nocivo de controle ao qual está submetido o povo. A decadência da civilização, porém, é capaz de agir como um estimulante através do qual, determinados indivíduos, que se apresentam como exceções, conseguem destruir padrões doentes e ultrapassar seus estados. Tais homens superiores – espíritos livres, dotados de força e capacidade de superação – surgem aleatoriamente na história. Esta ideia de acaso, ou fruto da colisão dos impulsos por mais potência reconhece que os gênios não refletem uma evolução cronológica da natureza ou das civilizações.

A cultura, por sua vez, embora não seja um fenômeno biológico, não contradiz, necessariamente, a dimensão natural do ser humano. Ao contrário, caso cumpra o seu papel de servir como um instrumento para a autossuperação, ela mostra-se

---

6 NIETZSCHE. *O viajante e sua sombra*, p.153.

afirmativa e eficiente no que diz respeito ao aprimoramento da natureza. Nietzsche, assim, enaltece como elevada a cultura jovial dos helenos, educados para e pela arte.

### A estilística da existência

O filósofo concebe a vida numa dimensão estética, propondo que o homem seja artista de si mesmo. É imprescindível, para tanto, que o indivíduo atente-se às pequenas escolhas (as mais primordiais, que compõe o cotidiano), já que cada um representa a luta das partes por elementos que condicionam a existência, como a nutrição e o espaço. Diante disso, surge uma nova questão: como saber escolher? O parâmetro é uma criação aberta que se dá mediante experiências relacionadas à percepção aguçada que o indivíduo possui sobre seu próprio corpo. Portanto, somente através do cuidado e do amor próprio, é possível ao homem libertar-se de tudo o que lhe causa fadiga e doença.

Em outras palavras, abandonar as perspectivas idealistas e olhar para o que há de mais íntimo e necessário é base da ética nietzschiana. Aos olhos da metafísica clássica, tal proposta implica numa espécie de “profanação” da filosofia, pois seu objeto encontra-se no dia-a-dia e no indivíduo, que, sendo fruto de suas percepções e vivências, aparece como parâmetro da reflexão. Os versos de Heine (*Die Heimkehr*, LVIII) ilustram perfeitamente a imagem do filósofo ao qual Nietzsche contrapõe-se em sua ética do cuidar de si: “*Mit seinen Nachtmützen und Schlafrockfetzen/ Stopft er die Lücken des Weltenbaus*”, traduzindo: “com seus barretes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo”<sup>7</sup>. Podemos associar a imagem pensada pelo poeta Heine à proposta do otimismo dialético socrático que pretende, através da razão, corrigir o Ser.

Nietzsche, por sua vez, observa que o próprio corpo e a própria história, embora não revelem essência alguma, são fatores dinâmicos que, quando priorizados, constituem o tônico para o surgimento de um homem mais capacitado para o mundo.

---

7 HEINE, H. *Die Heimkehr*, LVIII, apud FREUD, S. *A questão de uma Weltanschauung: Conferência XXV*, p. 196.

Expõe, ainda, a necessidade de cultivar o *amor fati*; o amor à própria vida, tal como ela se apresenta em sua variedade. Através do sentimento de apreciação do momento, o artista de si mesmo consegue concretizar o melhor para sua existência, dentro de suas possibilidades. Ademais, a vivência tanto do prazer quanto da dor é fundamental à autoconstrução:

Dissestes sim, algum dia, a um prazer? Ó meus amigos, então o dissestes, também, a todo sofrimento. Todas as coisas acham-se encadeadas, entrelaçadas, enlaçadas pelo amor. — E se quisestes, algum dia, duas vezes o que houve uma vez, se dissestes, algum dia: “Gosto de ti, felicidade! Volve depressa, momento!”, então quisestes tudo — Tudo de novo, tudo eternamente, tudo encadeado, entrelaçado, enlaçado pelo amor, então, amastes o mundo. — Ó vós, seres eternos, o amais eternamente e para todo o sempre; e também vós dizeis ao sofrimento: “passa momento, mas volta!” Pois todo prazer quer eternidade!<sup>8</sup>

O pensamento de Nietzsche induz ao *eterno retorno* enquanto afirmação da existência. A ideia de repetição no tempo, referente aos ciclos ressonantes da vida, é influenciada pelo pensamento heraclítico, uma das mais importantes bases do estoicismo, e estende-se ao universo ético e cosmológico de Nietzsche como o “eterno retorno do mesmo”. Entretanto, esta é uma noção inacabada que o filósofo alemão intui ao longo de sua obra; não como uma verdade efetiva, mas como uma experimentação filosófica ou uma possibilidade que acentua o aspecto múltiplo e conflituoso do emaranhamento de forças que compõe a realidade:

Em um primeiro momento Zarathustra reprime este pensamento; ele teme se confrontar com a mais terrível das possibilidades. Mas sua vontade de verdade resiste a todo esquivar-se. Ela exige que Zarathustra antecipe experimentalmente a mais terrível das possibilidades como se ela fosse verdadeira.<sup>9</sup>

A expressão “eterno retorno” aparece pela primeira vez em escritos que

---

8 NIETZSCHE, *Assim falou Zarathustra*, IV, O canto ébrio.

9 BRUSOTTI, M. The eternal return in Thus spoke Zarathustra. *Estudos Nietzsche*, n° 2, 2012, p. 162.

antecedem A Gaia ciência e representa, no âmbito da ética, uma possibilidade fértil para a criação de novos valores. A ideia identificada é viável somente aos homens de “espírito livre”; aqueles capazes de afirmar e abraçar a vida em sua multiplicidade; dotados de “uma alegria e uma força de soberania (...) em que o espírito recusaria toda fé, todo desejo de certeza, tendo prática em manter-se sobre as cordas leves de todas as possibilidades e até mesmo em dançar a beira do abismo”<sup>10</sup>.

Quem não possui habilidade para enfrentar as adversidades da vida através da postura criativa de reconciliação com o passado – ressignificando a própria trajetória –, acaba por conceber o eterno retorno como uma experiência opressora.

A dificuldade de ‘redimir’ o passado é o principal problema na confrontação de Zaratustra com o pensamento do eterno retorno. ‘Redimir’ o passado, reinterpreta-lo, conferir sentido a ele e então afirmá-lo é em Assim falou Zaratustra uma tarefa infinitamente difícil, quase além do humano.<sup>11</sup>

Ora, a vida deve servir como substrato para todos os valores, conduzindo o homem ao cuidado de si mesmo e viabilizando a criação de novos significados para o mundo. É imprescindível, com efeito, desconstruir os ideais que negam ou tentam eliminar os aspectos mais naturais da existência que são a multiplicidade e a contradição. O devir, afinal, é precondição para toda criação humana, razão pela qual jamais será produtivo um pensamento que se ponha a negligenciar a mudança. É importante, ainda, que a compreensão deste termo heraclítico jamais se confunda com qualquer atividade vinculada à moral, já que não há finalidade no devir a não ser o próprio movimento de transformação; a luta ou jogo mediante o qual a vida se desdobra.

Estamos presentes no mundo e ele está presente em nós – o que cumpre é arranjar essa relação como quem arranja uma música, que soará bonita ou feia, agradável ou desafinada, conforme uma maestria que nunca é propriedade nossa, embora possamos exercê-la (...) eis o ambiente propício para a tarefa moral mais alta, a transvaloração de todos os valores.<sup>12</sup>

10 NIETZSCHE. *A Gaia Ciência*, §347.

11 BRUSOTTI. The eternal return in Thus spoke Zaratustra. *Estudos Nietzsche*, nº 2, 2012, p. 157.

12 PIMENTA. O cultivo da arte do estilo. *AISTHE*, nº 3, 2008, p. 65.

A ideia de transvaloração aliada à proposta do homem como obra de arte conduz ao cuidado de si, que é reflexo do amor próprio. O cuidado não implica em negligenciar as paixões, como fizeram os estoicos, mas, sim, torná-las um viés para a amplificação das experiências pessoais. Quando a afirmação da vida está em destaque, há a assunção tanto do prazer quanto do sofrimento, visto que ambos compreendem “duas faces da mesma moeda”. Logo, o que a fuga das paixões oculta é o medo do enfrentamento da dor.

Embasado pela preocupação em relação às escolhas mais fundamentais que compõe o cotidiano e denotam o cuidado e a responsabilidade do indivíduo para com ele mesmo, Nietzsche afirma a necessidade de se viver com a arte do estilo. Parafraseando Olímpio Pimenta<sup>13</sup>, vale destacar que a arte do estilo não pode se confundir com uma mera estetização da existência, pois a proposta nietzschiana não abarca embelezar ou disfarçar hábitos e vivência arraigados, porém reconhecer na atividade artística um suporte para a autoconstrução na medida em que esta possibilita o direcionamento de um olhar mais profundo ao aspecto terrível da realidade. A máscara do artista, conseqüentemente, viabiliza a atribuição de um novo significado à vida mediante o qual é possível vivenciá-la em sua plenitude. Do sofrimento, portanto, advém algo bom que não se restringe ao prazer estético, mas se estende à capacidade trágica de fortalecimento.

Nietzsche preocupa-se com a questão ética embasada pela arte, uma vez que a existência implica num processo inesgotável e criativo de atribuição de sentido – fato que reflete a inviabilidade de uma resposta exata e permanente para a indagação “*o que é o homem?*”. Este ser encontra-se fragmentado, em constante construção e experiência. Cabe, pois, a cada indivíduo testar um projeto novo de si mesmo – razão pela qual o autor sugere como critério o *estilo*.

Em sua autobiografia tardia, *Ecce homo*, o filósofo aborda a arte do *estilo* como uma possibilidade da comunicação do sentimento de paixão (correspondente ao impulso natural dionisíaco) através do processo de simbolização que se dá no universo dos gestos e aparências. Esta atividade é orientada pela vontade de potência, que

13 PIMENTA. O cultivo da arte do estilo. *AISTHE*, n° 3, 2008.

impulsiona o indivíduo a escolher ou criar as máscaras mediante as quais representará a si mesmo nos “palcos” da vida.

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos – eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos – todas as leis do período são arte dos gestos... Bom estilo em si – pura estupidez, mero idealismo, algo assim como o belo em si, como o bom em si, como a coisa em si.<sup>14</sup>

Retomando os comentários de Olímpio Pimenta: “Se a arte do estilo é sinal de algo, o que ela traduz é amor pela existência sob todos os ângulos. O mais importante de tudo, feitas as contas, é ter algo a dizer.”<sup>15</sup> Com efeito, somente quem se rende ao mundo, reconhecendo-se em sua fatalidade, é capaz de dar-se ao cultivo do *estilo*. Sem o *amor fati* – essa disposição de alegria em relação à vida – é impossível transformar-se em um artista de si mesmo, conquistando a unidade de uma forma em meio à intensidade das inúmeras emoções:

Como o Dioniso helênico, o artista é aquele que joga com as aparências: um *deformador*. Mas se ele não cessa de falsificar, é porque se esforça para imprimir, naquilo que deforma, a mesma marca ou a mesma medida, ou seja, forjando um *estilo*.<sup>16</sup>

Nietzsche propõe em *Ecce homo* a máxima, anteriormente dita por Píndaro, “torna-te o que és” – não com a intenção de desvelar uma essência, já que ele mesmo rompe com os ideais metafísicos com o intuito de fazer compreender que não há diferença entre o ser e a ação, ou, que para ser é necessário vir-a-ser. Em outras palavras: atuar no mundo, representar a si e viver conforme o devir é uma arte que

14 NIETZSCHE. *Ecce Homo*, p. 57.

15 PIMENTA. O cultivo da arte do estilo. *AISTHE*, nº 3, 2008.

16 LEBRUN. *A filosofia e sua história*. “*Quem era Dioniso?*”, p. 370.

requer o cultivo do amor à vida. Este gesto afirmativo potencializa a força e abre as portas para um novo projeto que, segundo o autor, ultrapassa o “homem” de sua contemporaneidade.

A possibilidade de atuação do indivíduo no campo das artes, por sua vez, é viável somente na presença de um excedente de forças. Dedicar-se à produção artística, segundo Nietzsche, é um meio de extravazar o impulso para a dominação. A técnica do artista, com efeito, é útil ao processo de autoconstrução porque a obra manifesta o modo como o gosto particular pôde configurar o caráter de cada indivíduo. Não interessa, contudo, elaborar um juízo acerca da qualidade do gosto, mas verificar se o gosto representa um parâmetro autêntico de criação, ou seja, em outras palavras, um estilo próprio.

Nietzsche observa, desde *O Nascimento da tragédia*, que os gregos não distinguem a arte da vida, pois não destinam um espaço segregado do cotidiano para a contemplação artística. O *ethos* do povo heleno é determinado pela arte. Todavia, somente após a elaboração de “O Viajante e sua sombra”, o filósofo repensa a arte como sendo a capacidade de criar-se a si mesmo, embelezando a existência e impondo-lhe cortesia e *estilo* único. A criatividade artística não procura simplesmente revestir o horror e o mistério com o véu da ilusão; pretende, no âmbito da ética, transformar o homem em sua própria obra de arte.

## Referências

BRUSOTTI, M. *The eternal return in Thus spoke Zarathustra*. Trad. de prof. Dr. Rogério Lopes (Departamento de Filosofia/ UFMG). *Estudos Nietzsche*, Curitiba, vol. 3, nº 2, p. 149-167, jul./dez, 2012.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. De Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976.

DIAS, R. Nietzsche, *vida como obra de arte*. Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FREUD, S. *A questão de uma Weltanschauung: Conferência XXV*. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Edição standard das obras completas. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

KOSSOVITCH, L. *Signos e poderes em Nietzsche*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2004.

LEBRUN, G. *A Filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na era trágica dos gregos*. Trad. de Fernando R. de Moraes Barros, São Paulo: Editora Hedra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Assim Falava Zaratustra*. Trad. de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. Trad. de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos póstumos*. Trad. de Oswaldo Giacóia Júnior. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Obras Incompletas*. Col. “Os Pensadores”. Seleção de textos de Gerárd Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Col. “Os Pensadores”, 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad., notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Viajante e sua Sombra*. Trad. de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

PIMENTA, O. *O cultivo da arte do estilo*. *AISTHE* (ISSN 1981-7827), nº 3, 2008.